

# Investidor põe o foco na "China da América Latina"

Qualidade dos recursos humanos e grau de inovação e sustentabilidade pesam na hora da escolha

"O Brasil está virando a China da América Latina." A frase, repetida no meio empresarial, mostra uma nova realidade. Assim como a China tem sido o país que na Ásia atrai mais investimentos diretos estrangeiros, superando até o Japão, na América Latina o Brasil está se converten-

do na primeira opção para os investidores. "A América Latina não era percebida como um mercado interessante, mas agora está em forte ascensão por conta do Brasil", diz Ingo Plöger, empresário e consultor especializado em investimentos. "O país está sendo reconhecido internacionalmente pelo

fato de ter entrado tarde na crise e saído rapidamente dela."

Para a Alemanha, o Brasil é a bola da vez. De janeiro a agosto deste ano, os alemães quase triplicaram seus investimentos, pulando para US\$ 2,2 bilhões, em relação a US\$ 772 milhões no mesmo período de 2008. "Esse é um sinal importante de aposta no país", diz Antônio Corrêa de Lacerda, professor de economia da PUC-SP e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet).

A Alemanha foi de longe o principal investidor europeu. Também de janeiro a agosto deste ano, a França manteve o valor de US\$ 1,48 bilhão aplicado nos oito primeiros meses de 2008. A Espanha reduziu pela metade seus investimentos no Brasil, no mesmo período. O Reino Unido diminuiu seus aportes de US\$ 611 milhões para US\$ 251 milhões. Portugal passou de US\$ 924 milhões para US\$ 244 milhões. A Suíça reduziu de US\$ 532 milhões para US\$ 165 milhões. E os EUA, que tinham investido US\$ 4,6 bilhões nos primeiros oito meses de 2008, aplicaram US\$ 2,46 bilhões, segundo dados do Banco Central.

Além do Brasil, os mercados que têm atraído os investimentos alemães são a China, a Rússia, a Índia e os ex-países socialistas do Leste europeu, como a Polônia e a Hungria. Mas a Rússia, dependente de petróleo e gás, "já está tendo problemas com a queda dos



Lacerda, da PUC: tamanho do mercado e potencial de rentabilidade são grandes fatores de destaque

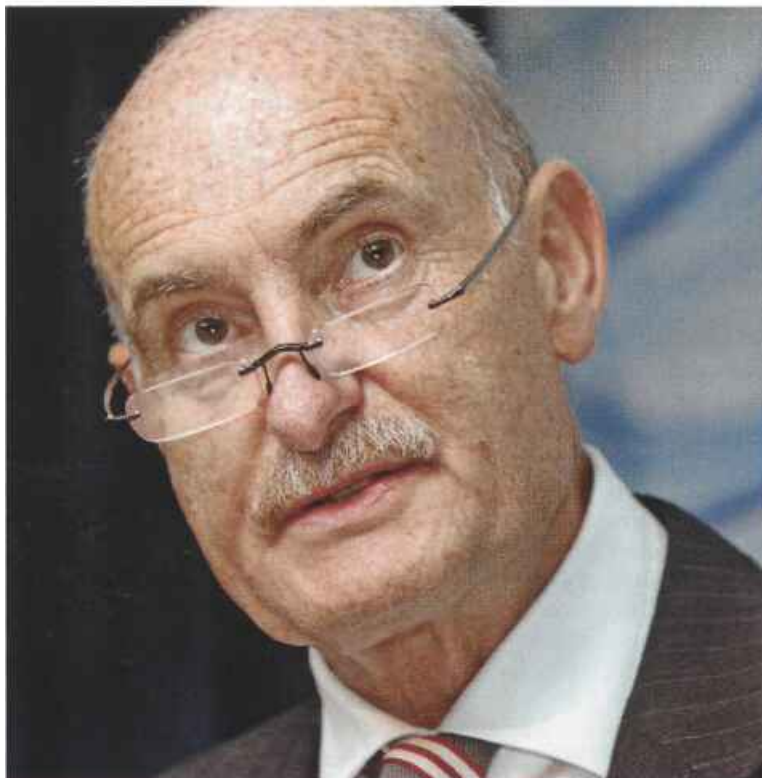
preços dessas commodities. O PIB russo tem uma configuração mais voltada ao setor energético, enquanto o Brasil tem uma matriz diversificada - indústria, serviços e agronegócio", compara Plöger.

Em sua avaliação, a China e a Índia "permanecem no visor dos alemães com uma cautela um pouco maior". Em ambos, "já se percebem modificações que se avizinham como riscos. A Índia é muito fechada, não tem um grau de internacionalização como o Brasil, principalmente em matéria de indústria". A China terá de fazer mudanças na parte ambiental, porque é um país altamente poluidor, e precisará reduzir as suas emissões de carbono, o que implicará polpidos gastos. Aliado à elevação do custo da mão de obra, fruto de reivindicações salariais, isso aumentará o preço dos produtos, acrescenta Plöger.

Outra dificuldade em relação à China, percebida pelos investidores, é a manutenção permanente de qualidade. "Os chineses não têm tradição de prestar atendimento ao cliente no exterior como outros investidores. Na comparação entre a compra de um equipamento chinês mais barato, mas sem serviço de pós-venda, e a compra de um similar de empresa com oferta de manutenção no Brasil, a escolha recairá sobre esta, certamente." De todo modo, Plöger enfatiza que "os alemães continuam a olhar a China como grande alternativa e a Índia, com simpatia. Mas é o Brasil que desponta".

"A Alemanha se encantou com a China, que se abriu recentemente", diz Lacerda. "No Brasil, há empresas alemãs centenárias - a Siemens está aqui há 106 anos; a Basf, há cem; a Bayer, há 60. São empresas que têm consolidada sua participação no mercado. Já na China, a posição das grandes empresas alemãs é volátil. Elas precisam conquistar espaço antes que outros cheguem."

A vantagem do Brasil é ser a maior economia da América Latina. E um país industrializado, tem



MARTINA GOLDBERG / VALOR

Acker, da Basf: siderurgia, automóveis, agronegócio e infraestrutura atraem mais

um setor financeiro sólido e uma economia diversificada. "Os alemães olham o tamanho do mercado, o potencial de crescimento e de rentabilidade e o fator risco", diz o professor de economia da PUC-SP. "Além disso, têm pavor de inflação, pois viveram a hiperinflação na década de 1920. Eles olham a estrutura do país, como podem ter parceiros, fornecedores, avaliam a estrutura das instituições de pesquisa e como se dá a regulamentação do investimento."

Além dessas características, Plöger destaca o grau de internacionalização, a inovação e a sustentabilidade, o retorno do investimento, a qualidade dos recursos humanos e fatores como facilitação de negócios. "O alemão dá um valor adicional ao potencial de crescimento do mercado e à internacionalização. E atribui um valor alto à sustentabilidade, inovação e recursos humanos."

"A indústria alemã no Brasil tem a posição mais forte fora da Alemanha. As empresas alemãs, ao redor de 1.200, contribuem com 10% do PIB industrial do país.

Esse é um sinal evidente da importante relação econômica entre os dois países e dá uma indicação sobre investimentos futuros", diz Rolf-Dieter Acker, presidente da Basf para a América do Sul. "Quando superarmos a crise financeira mundial, haverá mais investimentos na siderurgia, na indústria automobilística, no agronegócio e na infraestrutura."

Segundo Acker, "o Brasil tem taxas de crescimento não tão grandes quanto as da China, mas vai crescer mais depois da crise. O Brasil tem uma posição mais forte do que antes, e isso abre mais oportunidades nos setores dos quais falei e também em mineração, química e na área eletroeletrônica".

Para o presidente da Basf, o Brasil sai mais fortalecido da crise "em primeiro lugar, devido ao crescimento do mercado interno. Durante a crise, quando quase no mundo inteiro o consumo interno dos países caiu, aqui houve uma expansão de 1,5% do consumo. Em segundo lugar, nos últimos cinco anos, houve uma migração de 20% das classes mais pobres para cima.



# COMPETITIVIDADE

O poder aquisitivo aumentou e o consumo cresceu. Isso, junto com a exportação de commodities, garante uma boa base para o país crescer quando a economia mundial acelerar".

Segundo Lacerda, os alemães "admiram muito a mão de obra brasileira. Eles ficam encantados com a capacidade do brasileiro de conviver com o imprevisível. O alemão é 'certinho' e se perde naquilo que sai do convencional. A informalidade aqui acaba assustando. Mas, até pelo poder de adaptação do brasileiro, isso é algo superável. Isso dá uma boa liga".

O investimento alemão tem uma característica diferente na comparação com o norte-americano. "Os investidores dos EUA entram mais rapidamente, mas saem também mais facilmente. No Brasil, há poucas empresas centenárias norte-americanas, ao contrário das alemãs", compara

Plöger. No período de relacionamento entre o Brasil e a Alemanha, houve até duas guerras, mas os investimentos alemães permaneceram em território brasileiro. "Os alemães demoram mais a tomar uma decisão de investir, mas não saem do país na primeira crise. Dificilmente saem do país."

Outra característica do investimento alemão é a transferência ostensiva de tecnologia, diz Plöger. A Bosch, por exemplo, tem seu centro de competência para combustíveis alternativos no Brasil, onde trabalham engenheiros brasileiros. A Voight Siemens transferiu a competência de hidrogenadores para o mercado brasileiro, e vários outros grupos alemães estão fazendo o mesmo. Com isso, aumenta a cooperação entre os dois países em matéria tecnológica. "Esse tipo de investimento é bem-vindo. Tem um efeito multiplicador. Não se trata

apenas de uma plataforma para abastecimento do mercado."

Ele também chama a atenção para outro tipo de investimento alemão que está vindo para o Brasil, que representa uma aposta no futuro, como as empresas fabricantes de aerogeradores. Uma delas, a alemã Führlander, celebrou em agosto um protocolo de intenções com o governo do Ceará para implantar fábrica no complexo industrial e portuário de Pecém (CE).

A Wobben Windpower, outro grande fabricante alemão de geradores eólicos, tem duas fábricas: em Sorocaba (SP) e no porto de Pecém. "As empresas alemãs têm tradição de fazer parceria com fornecedores e institutos de pesquisa para agregar valor. A indústria automobilística, por exemplo, desenvolve grande quantidade de fornecedores", salienta Lacerda, ao comparar investimentos alemães com os de outros países europeus.

**WETTBEWERBSFÄHIGKEIT** MARIA HELENA TACHINARDI

## INVESTOREN SEHEN BRASILIEN ALS „CHINA LATEINAMERIKAS“

Qualifiziertes Personal, Innovationen und Nachhaltigkeit bestimmen über Investitionsstandorte

„Brasilien wird zum China Lateinamerikas.“ Dieser in Unternehmerkreisen oft gehörte Satz zeigt eine neue Realität. Ebenso wie in Asien die meisten ausländischen Direktinvestitionen nach China gehen, wird in Lateinamerika Brasilien zum Land der Wahl für die Investoren. „Das Interesse an Lateinamerika war gering. Aber jetzt geht es steil bergauf, und das ist Brasilien zu verdanken“, erklärt Ingo Plöger, Unternehmer und Investitionsberater. „Das Land erhält internationale Anerkennung, weil es von der Krise spät erfasst wurde und sie schnell überwinden konnte.“

Von Januar bis August haben die Deutschen ihre Investitionen im Vergleich zum Vorjahreszeitraum von US\$ 772 Mio. auf US\$ 2,2 Mrd. verdreifacht. „Das ist ein deutlicher Vertrauensbeweis“, erklärt Antonio Corrêa de Lacerda, Wirtschaftsdozent an der Universität PUC in São Paulo.

Außerdem fließen viele deutsche Investitionen nach China, Russland, Indien und in Länder des ehemaligen Ostblocks. Aber Russland ist vom Export von Erdöl und Gas abhängig und steht wegen fallender Preise vor Problemen. „Das russische BIP konzentriert sich immer stärker auf den Energiesektor, während Brasiliens Volkswirtschaft diversifizierter ist“, so Plöger.

Nach seiner Ansicht sind deutsche Investoren in China und Indien vorsichtiger: „Indien ist ein sehr geschlossener Markt, und besonders die Industrie ist weniger internationalisiert als in Brasilien.“ China müsse gegen die extreme Umweltverschmutzung vorgehen, was sehr kostspielig sei. Deshalb und wegen der steigenden Perso-

nalkosten infolge von Lohnforderungen würden die Produkte teurer, so Plögers Einschätzung. „Deutsche Investoren zeigen Interesse an China und Indien. Aber Brasilien ist attraktiver.“

In Brasilien haben sich deutsche Unternehmen schon vor über 100 Jahren niedergelassen. Diese Unternehmen haben ihren Marktanteil bereits konsolidiert. In China ist die Marktposition deutscher Konzerne weniger stabil, wie Lacerda erklärt. „Die Deutschen achten auf die Größe des Marktes, das Wachstums- und Rentabilitätspotential und auf den Risikofaktor. Sie berücksichtigen die Struktur des Landes und der Forschungseinrichtungen und prüfen, wie sie Partnerfirmen und Lieferanten finden und wie Investitionen geregelt sind.“

Plöger erklärt dazu: „Deutsche Investoren sehen im Wachstumspotential und im Internationalisierungsgrad einen zusätzlichen Vorteil und legen großen Wert auf Nachhaltigkeit, Innovationen und qualifiziertes Personal.“

„Brasilien ist nach Deutschland der größte deutsche Industriestandort. Die etwa 1.200 deutschen Unternehmen erwirtschaften 10% der industriellen Wertschöpfung. Das ist ein deutliches Zeichen für die Bedeutung der bilateralen Beziehungen und lässt auch auf künftige Investitionen schließen“, erklärt Rolf-Dieter Acker, Leiter des Regionalbereichs Südamerika von BASF. „Wenn die internationale Finanzkrise überwunden ist, wird verstärkt in die Stahlindustrie, in die Automobilindustrie, ins Agrobusiness und in die Infrastruktur investiert werden.“